

**"A cultura a serviço do progresso social":
a atuação de Jorge Zahar
na construção de um projeto de país**

Leonardo Nóbrega

resumo

Jorge Zahar foi um dos mais importantes editores do Brasil, fundamental na consolidação das ciências sociais e humanas e participante ativo nos principais debates públicos da segunda metade do século XX. Neste texto, a atuação editorial de Jorge Zahar será analisada a partir da construção do catálogo da Zahar Editores, tendo como foco dois momentos distintos. O primeiro, que vai da criação da editora em 1957 até o início dos anos 1970, tem seu foco na tradução de autores vinculados à esquerda estadunidense. O segundo momento ganha relevância no final dos anos 1960 e continua na década seguinte, com destaque para as abordagens críticas às teorias da modernização. A partir da análise do catálogo da Zahar Editores, é possível perceber a existência de um projeto político que foi construído em diálogo com os diversos movimentos intelectuais e sociais da época.

Palavras-chave: Jorge Zahar; história do livro; edição; ciências sociais; política brasileira.

abstract

Jorge Zahar was one of the most important publishers in Brazil, fundamental in the consolidation of social and human sciences and an active participant in the main public debates of the second half of the 20th century. In this text, Jorge Zahar's editorial work will be analyzed based on the construction of the Zahar Editores catalog, focusing on two distinct moments. The first one, which goes from the creation of the publisher in 1957 until the beginning of the 1970s, focuses on translating authors linked to the American left. The second moment gained relevance in the late 1960s, with emphasis on critical approaches to modernization theories. From the analysis of the Zahar Editores catalog, it is possible to perceive the existence of a political project that was built in dialogue with the various intellectual and social movements active throughout the period.

Keywords: Jorge Zahar; History of books; publishing; social sciences; Brazilian politics.

Jorge Zahar foi um dos mais importantes e longevos editores brasileiros do século XX. Iniciou sua atuação no mundo dos livros em 1940, aos 20 anos, em uma empresa dedicada à importação e distribuição de livros técnicos, e encerrou sua trajetória em 1998, ano de seu falecimento. Foram quase 60 anos dedicados inteiramente aos livros, tempo suficiente para participar de momentos decisivos na consolidação do mercado editorial, da institucionalização das ciências sociais e de um projeto coletivo de país¹.

Interlocutor ativo e interessado, ao longo de todo esse tempo Zahar manteve contato constante com professores, estudantes, jor-

nalistas, tradutores, livreiros. Passou a se cercar de intelectuais que lhe ajudaram a dar forma a um dos catálogos mais prolíficos do país, com obras fundamentais para a consolidação das ciências sociais e humanidades. Amparado por uma cautelosa conduta comercial, trazia na base da sua atuação editorial também uma crença na capacidade da cultura de agir como motor de mudança social.

Essa crença era compartilhada com vários dos seus colegas de geração, que nutriam entusiasmo pela capacidade do pensamento crítico e humanista de provocar mudanças que impactassem positivamente a vida das pessoas. Havia, assim, uma atu-

LEONARDO NÓBREGA é professor de Sociologia do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE - Campus Belo Jardim) e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco (PPGS/UFPE).

¹ Sobre a vida e a atuação editorial de Jorge Zahar, cf.: Azevedo (2018), Pires (2017) e Silva (2019).

ação conformada a partir de um projeto de país e de sociedade. Uma construção coletiva ancorada na ideia de progresso social, tecida a várias mãos, que tem reflexos fundamentais no catálogo da editora que geriu grande parte da sua vida.

O slogan “A cultura a serviço do progresso social”, que passou a estampar as capas dos livros da Zahar Editores a partir de 1960, sintetizava não apenas uma carta de princípios – posição em relação à qual a editora pretendeu se vincular –, mas a experiência compartilhada de parte significativa de uma geração que, embalada pelo pensamento progressista em voga, iria encontrar nas publicações da editora um suporte nas disputas sociais que se instalaram nos anos 1950 e, de forma mais intensa, na luta contra o governo autoritário instaurado pelo Golpe de 1964.

Jorge Zahar fazia parte, junto a outros intelectuais, artistas, editores e demais membros das classes médias intelectualizadas de meados do século XX no Brasil, de uma estrutura de sentimentos (Williams, 1977, cap. 9) que era ao mesmo tempo romântica e revolucionária (Ridenti, 2005; 2010; 2014). Trata-se de uma geração anterior ao Golpe civil-militar de 1964, conformada a partir da ideia de superação do passado oligárquico, que compartilhava o entusiasmo técnico estimulado pela industrialização do país e que trazia consigo a ideia de revolução que estimulava a imaginação sobre o futuro.

Tal conjunto de pessoas, embora fizessem parte de um universo bastante heterogêneo e disperso, foi capaz de elaborar mecanismos de atuação coletiva, agindo como uma subjetividade coletiva (Domingues, 2003) que participa da elaboração

de representações da realidade e formula suas propostas de identidade, difundidas em linhas gerais de pensamento e atuação. Jorge Zahar, por meio da sua atuação editorial, foi um importante vetor nessa teia de interações, disponibilizando obras fundamentais para as discussões políticas daquele momento.

De forma a apreender a concepção política que deu embasamento para a atuação editorial de Jorge Zahar, o catálogo da Zahar Editores será analisado tendo como foco dois momentos distintos. O primeiro momento, que vai da criação da editora em 1957 até o início dos anos 1970, tem seu foco em uma política editorial de traduções. Nesse período, foram privilegiados autores vinculados à esquerda estadunidense, como Charles Wright Mills, Paul Sweezy, Leo Huberman, Paul Baran, além de autores vinculados à Escola de Frankfurt radicados no país norte-americano, como Erich Fromm e Marcuse. Esse universo intelectual teve significativa recepção no Brasil e foi fundamental para a conformação de um pensamento crítico entre jovens estudantes e demais leitores associados ao pensamento de esquerda. O segundo momento ganha escopo no final dos anos 1960 e se estende pela década de 1970. O período é marcado sobretudo pelo crescimento de autores brasileiros no catálogo da Zahar. O pensamento crítico estrangeiro dá espaço à produção nacional. Ganham força nesse momento diversas abordagens críticas às teorias da modernização, com destaque para as abordagens vinculadas às noções de subdesenvolvimento e dependência.

A partir da análise do catálogo da Zahar Editores, é possível perceber a existência de um projeto político que se constrói em

diálogo com os diversos movimentos intelectuais e sociais atuantes ao longo do período. Esse projeto toma forma e materialidade em parte significativa do catálogo da editora, revelando uma atuação que se deu sobretudo por meio de uma construção coletiva.

RECEPÇÃO DO PENSAMENTO CRÍTICO ESTADUNIDENSE

Nos primeiros anos de atuação da Zahar Editores, os Estados Unidos foram o local privilegiado de origem da maior parte das obras traduzidas. O país passou a ter uma influência decisiva no mundo, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial. Isso se refletiu no Brasil em uma gradativa e inédita substituição do francês – até então a língua de origem da maior parte dos livros importados e traduzidos no país – pelo inglês (Nóbrega, 2021). Autores como Erich Fromm, os editores da revista *Monthly Review* Paul Sweezy e Leo Huberman, C. Wright Mills e Herbert Marcuse ganharam espaço privilegiado no catálogo da editora. Estes autores fizeram reverberar grande parte do pensamento crítico do país norte-americano que deu ensejo à formação do que ficou conhecido como Nova Esquerda, movimento mundial que, de forma geral, pode ser identificado com a emergência de jovens estudantes como atores políticos, atrelados à perda de centralidade das estruturas burocráticas dos partidos comunistas e identificados também com as lutas pacifistas, por direitos civis e pela libertação nacional de países em situação de colonização (Bottomore, 1970).

O autor com o maior número de obras no catálogo da Zahar Editores é Erich Fromm. Foram ao todo 18 obras publica-

das entre 1959 e 1984, com várias reedições. A popularidade do autor se explica, em grande medida, por suas interpretações sobre o autoritarismo, que interessaram sobretudo à audiência norte-americana dos anos 1940, e suas reflexões sobre as mudanças comportamentais que se desdobravam nos anos 1950 e 1960. Esse contexto viria a reverberar no Brasil na década de 1960, relacionado ao crescimento da comunidade universitária no país, aos protestos estudantis, aos movimentos de contracultura e toda sorte de questionamentos sociais que passaram a surgir.

É no contexto dos movimentos de contestação política e cultural do final dos anos 1950 e início de 1960 que a obra de Erich Fromm chega ao Brasil. *Psicanálise e religião* (1956), obra que integrou a Coleção Biblioteca de Psicologia Médica da Editora Civilização Brasileira, foi o primeiro livro do autor a ser traduzido e publicado no país. Em seguida, a Zahar Editores publicou *Psicanálise da sociedade contemporânea* (1959), *Análise do homem* (1960) e *O medo à liberdade* (1960). As três obras juntas formavam uma trilogia em que o autor tratava do autoritarismo nas sociedades contemporâneas, unindo elementos da teoria psicanalítica ao conceito de alienação. As diversas obras lançadas por Fromm nos anos subsequentes tiveram uma grande recepção do público, o que se reverteu, para a Zahar, na produção de várias reedições e em tiragens muito maiores do que a média dos demais livros da editora.

Fromm passou a ter uma atuação pública relevante, participando de campanhas contra a Guerra do Vietnã, contra o desenvolvimento de armas nucleares e a favor das pautas levantadas pelos movimentos jovens

de esquerda, analisando os relacionamentos amorosos no mundo moderno, além de estabelecer grande proximidade com as religiões orientais, o que lhe rendeu ares de misticismo e críticas de setores mais ligados ao pensamento materialista. Junto a Fromm, outro autor, Herbert Marcuse, teve boa parte de suas obras publicadas pela Zahar.

Oriundo da Escola de Frankfurt, Marcuse tornou-se conhecido por estabelecer em seus textos reflexões críticas às sociedades modernas, que levavam em conta pensadores como Marx e Freud, além de uma grande influência da crítica à razão instrumental promovida pelos seus colegas na Escola de Frankfurt Horkheimer e Adorno – embora mantivesse o papel da utopia nos seus escritos, à diferença dos seus colegas frankfurtianos. Marcuse foi alçado pela imprensa como o “guru” dos novos movimentos de contestação (Wheatland, 2009) e seu nome passou a ser associado a uma espécie de liderança intelectual, embora passasse também a contar com uma série de deturpações do seu pensamento (Konder, 1998).

A repercussão que o nome de Marcuse passou a ter na imprensa brasileira refletia o papel de destaque que alcançava nos meios de comunicação norte-americanos e franceses: “Nos últimos meses o nome de um filósofo alemão [Herbert Marcuse] começou a ser citado por jornais e revistas como o mentor ideológico dos violentos movimentos de reivindicações dos estudantes europeus e americanos”². O mercado editorial brasileiro respondeu rapidamente ao súbito interesse pela obra de Marcuse. Do autor, a Zahar Editores publicou *Eros e civilização* (1968),

*Ideologia da sociedade industrial*³ (1968), *Crítica da tolerância pura* (1970) – livro que reúne artigos de Marcuse, Robert Paul Wolf e Barrington Moore Jr. –, *Ideias sobre uma teoria crítica da sociedade* (1972) e *Contra-revolução e revolta* (1973).

Outras editoras também aproveitaram o movimento: *Materialismo histórico e existência* (1968) foi publicado pela Editora Tempo Brasileiro; *O marxismo soviético* (1968) e *Razão e revolução: Hegel e o advento da teoria social* (1969), pela Editora Saga; e *O fim da utopia* (1969), pela Paz e Terra. A grande quantidade de obras – foram nove em cinco anos – atesta o súbito interesse do mercado editorial brasileiro pelas obras do filósofo, cuja recepção se deu marcadamente vinculada aos movimentos de protesto de jovens estudantes.

Em paralelo à publicação de autores vinculados à Escola de Frankfurt, a Zahar manteve estreito contato com a revista *Monthly Review*. A *Monthly Review* foi uma revista socialista estadunidense criada pelo economista Paul Sweezy e pelo jornalista Leo Huberman em 1949. Alocada inicialmente no apartamento de Huberman, em Nova York, a publicação se somou ao universo da efervescente produção intelectual da cidade em meados do século XX⁴, junto a outras revistas que tiveram grande destaque no universo político e cultural.

2 *Jornal do Brasil*, Cadernos B, 17 de maio de 1968, p. 5.

3 O título original, em inglês, é *One-dimensional man: studies in the ideology of advanced industrial society* (1964).

4 Forma-se, em meados da década de 1940, um grupo bastante atuante de escritores, artistas e pensadores que ficou conhecido como os Intelectuais Nova iorquinos (*New York Intellectuals*). Este foi, segundo Kevin Mattson (2002), o grupo intelectual mais importante do período posterior à Segunda Guerra Mundial nos Estados Unidos.

Surgida no período em que o pensamento crítico de esquerda estava sob ataque (Bottomore, 1970), cuja expressão máxima podia ser identificada na patrulha anti-comunista liderada pelo senador Joseph McCarthy (1947-1957) no contexto inicial de Guerra Fria, somada a uma diminuição da influência do Partido Comunista norte-americano na esquerda, a política editorial da *Monthly Review* focou, em grande medida, análises econômicas e políticas. O capitalismo como um sistema de alcance mundial, o imperialismo norte-americano e as revoltas no Terceiro Mundo foram os temas principais, que passaram a ganhar destaque à medida que acontecimentos significativos foram ocorrendo por todo o mundo (Mcchesney, 2007).

A revista contou com alguns colaboradores frequentes. Esse foi o caso de Paul Baran (1910-1964), que, apesar de não ter estado formalmente vinculado à revista como editor, compartilhava das decisões editoriais e direcionamentos da revista. Ao grupo viria a se juntar ainda Harry Magdoff (1913-2006), que trabalhava com estatísticas para o governo norte-americano e viria a substituir Huberman como editor em 1968.

Além da revista, Sweezy e Huberman fundaram também, em 1952, a *Monthly Review Press*. A editora, a despeito de ter realizado poucas publicações nos seus primeiros anos de atividade sob direção de Huberman, ganhou posição de destaque em meados dos anos 1960, quando, sob direção de Harry Braverman, publicou obras de autores da esquerda mundial como Rosa Luxemburgo, Nikolai Bukharin, Karl Korsh, além de títulos como *Capitalism and underdevelopment in Latin America* (1967), de André Gunder Frank,

Reminiscences of the Cuban revolutionary war (1968), de Che Guevara, *Lenin and philosophy* (1971), de Louis Althusser, *Open veins of Latin America* (1973), de Eduardo Galeano, dentre outros. O contato com grupos de esquerda fora dos Estados Unidos rendeu não só a tradução de livros importantes para o inglês, mas também a publicação da *Monthly Review* em diversas outras línguas, como o espanhol (editado na Argentina entre 1963 e 1967, no Chile entre 1967 e 1970, na Colômbia em 1973 e na Espanha entre 1977 e 1982), italiano (1968-1987), grego (1973-1975, 1983, 1987-1988) e alemão (1974-1975) (Mcchesney, 2007; Phelps, 1999).

Vários dos livros publicados pela Zahar Editores nos seus primeiros anos de atividade foram de colaboradores da *Monthly Review*, o que marca a rede intelectual em torno da revista como um dos principais referenciais no estabelecimento da política editorial de traduções executada por Jorge Zahar e, conseqüentemente, no projeto intelectual gestado pela editora. O primeiro deles foi *Socialismo* (1959), de Paul Sweezy, que havia sido publicado originalmente em 1949 e apresentava ao público norte-americano o sistema econômico e social dos países que viviam sob um regime socialista. No mesmo ano foi publicado *O império do petróleo* (1959), do jornalista norte-americano e autor da *Monthly Review Press*, Harvey O'Connor. O livro contou com ampla divulgação na imprensa, pouco tempo depois que o jornalista havia visitado o Brasil e concedido diversas entrevistas. O prefácio da edição brasileira foi escrito pelo cel. Janary Nunes, que havia sido presidente da Petrobras e participado de uma sessão de autógrafos no lançamento do livro promovido pela editora

no Clube Militar, no Rio de Janeiro⁵. Na orelha do livro é possível compreender o direcionamento dado pela editora e a recepção que se esperava com a publicação:

“Livro oportuno, acrescido de um não menos oportuno prefácio do Cel. Janary Nunes, contribuirá certamente para que se mantenha acesa a chama nacionalista de que se alimenta a Petrobras, único caminho conducente à completa emancipação econômica do Brasil” (Harvey, 1959, orelha).

A Petrobras havia sido fundada em 1953, sob a presidência de Getúlio Vargas, garantindo ao Estado brasileiro, depois de acirrado debate, o monopólio do petróleo disponível em território nacional, fato que vinha sendo contestado por alguns setores da sociedade menos afeitos às políticas de intervenção estatal. Neste sentido, o prefácio do cel. Janary Nunes adota um posicionamento bastante claro:

“O petróleo é patrimônio da nação, é instrumento de soberania, é arma de segurança, é ponto de germinação de desenvolvimento econômico. O petróleo representa poder político, econômico e militar (Harvey, 1959, p. 15).

Pouco depois a Zahar viria a publicar outro livro de O’Connor, *O petróleo em crise* (1962), no mesmo ano em que a Monthly Review Press fez seu lançamento nos Estados Unidos, além do livro *Imperialismo, petróleo, Petrobrás* (1964), de Francisco Mangabeira, advogado, professor da Universidade do Bra-

sil e presidente da Petrobras por indicação de João Goulart, entre 1962 e 1963.

A economia política do desenvolvimento (1960), de Paul Baran, publicado originalmente em 1957, inaugurou na Zahar uma série de publicações que tratava sobre a economia capitalista e as desigualdades globais. Paul Sweezy teve diversos de seus livros publicados na sequência: *Teorias do desenvolvimento capitalista* (1962), *Ensaio sobre o capitalismo e o socialismo* (1965), *Teóricos e teorias da economia* (1965) e *Capitalismo monopolista* (1966), sendo este último escrito em coautoria com Paul Baran.

Nenhum livro, entretanto, alcançou tanto sucesso de público como se deu com *História da riqueza do homem* (1962), de Leo Huberman. Foram ao todo 20 edições e diversas reimpressões, chegando a mais de 300 mil exemplares vendidos. Segundo afirmou Jorge Zahar, esse foi o grande livro de sua carreira como editor (Zahar, 2001). Escrito em linguagem simples e concisa, buscando prioritariamente um público jovem, o livro trata da história do capitalismo no mundo desde a sua constituição até as primeiras décadas do século XX. Com a tradução da Zahar, o livro passou a ser adotado por sucessivas gerações de estudantes e militantes de esquerda no Brasil (Secco, 2017, p. 146). Foi parte desse público que ocupou o auditório da Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi), no Rio de Janeiro, no dia 30 de janeiro de 1963, para assistir à palestra de Sweezy e Huberman intitulada “Situação internacional”⁶. A dupla estava de

5 *Última Hora*, Rio de Janeiro, 29 de julho de 1959, p. 4.

6 *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 30 de janeiro de 1963, p. 5.

regresso de Buenos Aires, onde inaugurou a edição em espanhol da *Monthly Review*, e foi recebida por Jorge Zahar.

É de se notar, portanto, a referência que a *Monthly Review* representou para Jorge Zahar na seleção dos títulos a serem traduzidos. Não só os editores da revista tiveram suas obras vertidas ao português, mas diversos autores que contribuíam com a publicação periódica norte-americana ou mesmo com títulos publicados pela *Monthly Review Press* passaram a circular no Brasil. Dentre elas, as obras sobre a Revolução Cubana.

A Revolução Cubana de 1959, que havia destituído do poder o ditador Fulgencio Batista e instaurado um novo governo socialista na ilha, passou ao foco das atenções e rendeu uma série de livros sobre os desdobramentos revolucionários na ilha, bem como críticas ao imperialismo norte-americano. *Cuba: anatomia de uma revolução* (1960), de Paul Sweezy e Leo Huberman, e *A verdade sobre Cuba* (1961), de C. Wright Mills, tratam dos primeiros desdobramentos da revolução. Na sequência, a Zahar publicou ainda o livro *Reflexões sobre a Revolução Cubana* (1962), com artigos de Paul Sweezy, Leo Huberman, Paul Baran, Marc Schleifer e Ernesto Che Guevara. Outras editoras também aproveitaram o momento: *Furacão sobre Cuba* (1960), de Jean-Paul Sartre, foi lançado pela Editora do Autor e *Cuba: a revolução na América* (1961), de Almir Matos, pela Editorial Vitória, vinculada ao Partido Comunista do Brasil.

O livro de Paul Sweezy e Leo Huberman sobre a Revolução Cubana, *Cuba: anatomia de uma revolução* (1960), teve como ponto de partida a série de visitas à

ilha que a dupla fez pouco tempo depois de consolidada a revolução de 1º de janeiro de 1959. As suas primeiras impressões foram publicadas numa edição especial nos meses de julho e agosto da *Monthly Review*. Os artigos foram editados em seguida como livro, que foi bastante lido e se tornou referência no assunto. No Brasil, a obra chegou à quarta edição apenas um ano depois de lançada. Grande parte dos movimentos de esquerda via a experiência de Cuba com entusiasmo, enxergando ali uma alternativa tanto ao comunismo soviético, cada vez mais criticado por suas práticas autoritárias, quanto à experiência imperialista dos Estados Unidos.

O livro de C. Wright Mills foi publicado originalmente em 1960, pela Editora McGraw-Hill, com o título de *Listen, Yankee*. No Brasil, o contexto de efervescência política também esteve presente no momento da publicação de *A verdade sobre Cuba* (1961), que contou com o lançamento de uma segunda edição no mesmo ano de lançamento da obra.

O momento era de efervescência política, social e cultural por todo o mundo, o que, em grande medida, explica o sucesso de venda dos livros sobre a Revolução Cubana, seja nos Estados Unidos, na América Hispânica ou no Brasil. Tratava-se, portanto, de um momento de mudanças culturais significativas, e os livros ocupavam espaço privilegiado na disseminação de ideias que alimentavam as discussões do momento.

É de se notar, dessa forma, a centralidade do pensamento estadunidense no Brasil. Isso se dava tanto por meio dos imigrantes alemães que estabeleceram carreira nos Estados Unidos, quanto por meio de inte-

lectuais norte-americanos que passaram a escrever sobre temas de interesse externo e a partir de uma perspectiva crítica ao que se concebia como o imperialismo do seu país. O fato é que os Estados Unidos, nesse momento, serviram de referência para a construção do catálogo da Zahar Editores e para boa parte dos debates que participavam da construção de um pensamento comum sobre os rumos do Brasil.

MODERNIZAÇÃO, DESENVOLVIMENTO E DEPENDÊNCIA

Se havia, por um lado, uma intelectualidade estadunidense crítica à atuação global do seu país, havia, por outro, uma crença hegemônica nos Estados Unidos como um modelo de desenvolvimento. Grande parte das discussões nas ciências sociais em meados do século XX foi pautada pela noção de modernização. Aberta a inúmeras definições, a depender dos propósitos e das circunstâncias de sua utilização, a ideia de modernização deu base para a construção de teorias que foram bastante influentes na elaboração de diagnósticos de problemas sociais e na construção de mecanismos para a sua solução. Sendo uma noção que pressupõe mudança social, veio acompanhada da existência de polos opostos, como pontos extremos em uma mesma reta, demarcando, de um lado, o local de onde se partia e, de outro, o local aonde se queria chegar. Os países ocidentais, industrializados e centrais no sistema econômico mundial, considerados modernos, serviram invariavelmente como ponto de referência a ser alcançado, tendo como elementos fundamentais a industrialização, urbanização, democratização, indivi-

dualismo, secularização, dentre outros marcadores cuja falta caracterizava os países tradicionais e atrasados.

Moldando-se a interesses muitas vezes relacionados à pretensão de dominação dos países centrais, a ideia de modernização serviu para intervenções realizadas das mais diversas formas, desde ajuda financeira e programas de desenvolvimento até interferências políticas e militares. A política externa dos Estados Unidos passava por um momento de efervescência depois da Segunda Guerra Mundial e os esforços para o estabelecimento da Organização das Nações Unidas (ONU), a continuidade do Plano Marshall e a criação da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) vieram acompanhados pelo lançamento de um programa de assistência técnica para auxiliar na “melhoria e no crescimento de áreas subdesenvolvidas”, como definiu o documento assinado pelo presidente Harry Truman em janeiro de 1949 (Truman apud Rist, 2008, p. 71).

A configuração da dicotomia desenvolvimento/subdesenvolvimento como um dos vetores fundamentais de elaboração da política externa dos Estados Unidos respondia aos anseios de hegemonia do país norte-americano. Tal ferramenta era ainda mais importante dado o contexto de Guerra Fria e disputa polarizada que o país travava com a União Soviética. Ao definir subdesenvolvimento “como uma falta e não como o resultado de circunstâncias históricas, e tratando o ‘subdesenvolvido’ simplesmente como pobre sem procurar as razões para o seu desamparo, a ‘política de desenvolvimento’ fez do crescimento e da ajuda (entendidos em termos tecnocráticos, quantitativos) a única resposta possível” (Rist, 2008, p. 79, tradução nossa).

Ao mesmo tempo, a organização dos países do chamado Terceiro Mundo, com demandas estabelecidas em acordos coletivos como os assinados na Conferência de Bandung (1955), passava a desafiar as políticas empreendidas pelos países centrais. Em termos de produção teórica, as críticas à política internacional norte-americana partiram tanto de intelectuais marxistas do próprio país, citados no tópico anterior, como dos países em processo de emancipação e desenvolvimento. Entre os latino-americanos, uma massa crítica já vinha sendo desenvolvida, sob diferentes matizes, desde o processo de descolonização no século XIX. As chamadas teorias da dependência, desenvolvidas sobretudo a partir da segunda metade dos anos 1960, seriam, entretanto, o produto mais diretamente relacionado a uma crítica à teoria da modernização. Estabelecendo raízes no pensamento da Cepal, localizada na pulsante cidade de Santiago, no Chile (Beigel, 2009; Garcia Jr., 2009), os teóricos da dependência formaram importantes redes de interação e realizaram esforços no sentido de compreender as limitações de um processo de desenvolvimento dado no momento em que a economia mundial constituía-se de forma interdependente e sob a hegemonia de fortes grupos econômicos e forças estatais com características imperialistas (Beigel, 2006; Dos Santos, 2000).

Este debate teve grande centralidade na Zahar Editores. São exemplos os livros *Teoria do desenvolvimento* (1967) e *Processos e implicações do desenvolvimento* (1969), organizados por Luiz A. Costa Pinto e Waldomiro Bazzanella, em parceria com o Centro Latino-Americano de Ciências Sociais (CLAPCS), então dirigido

por Manuel Diegues Jr. Os aspectos relacionados ao desenvolvimento foram centrais nas discussões do CLAPCS, que realizou diversos estudos comparativos sobre mobilidade social, educação, industrialização, urbanização etc. Tais estudos, embora em grande medida fundamentados na noção de desenvolvimento, serviram de base para a elaboração de uma perspectiva crítica às teorias da modernização, inserindo questionamentos sobre os mecanismos estruturais de desigualdade e a necessidade de rupturas para a superação da condição de subdesenvolvimento. Nas duas compilações constam textos de Georges Balandier, Torcuato Di Tella, Jorge Graciarena, Gino Germani, Costa Pinto, dentre outros.

Na Coleção Textos Básicos de Ciências Sociais, iniciada em 1966 sob a direção de Otávio Guilherme Velho, Moacir Palmeira e Antonio Roberto Bertelli – a partir da qual a Zahar Editores passou a contar com a interlocução mais sistemática de jovens intelectuais brasileiros –, foram publicados livros como *Sociologia do desenvolvimento* (1967), organizado por José Carlos Garcia Durand, *Sociologia do desenvolvimento II*, organizado por Durand e Lia Pinheiro Machado, *Desenvolvimento, trabalho e educação* (1968), *Urbanização e subdesenvolvimento* (1969) e *Subdesenvolvimento e desenvolvimento* (1969), estes três organizados por Luiz Pereira. O mesmo Luiz Pereira também organizou o livro *Perspectivas do capitalismo moderno: leituras de sociologia do desenvolvimento* (1971) para a Coleção Biblioteca de Ciências Sociais, também da Zahar. Nas coletâneas citadas foram publicados textos de autores como Jacques Lambert, José Medina Echevarría, Peter Heintz, Rodolfo Stavenhagen, Herbert

Blumer, André Gunder Frank, Daniel Lerner, Lúcia Pinheiro Machado (“Alcance e limites das teorias da modernização”), Glaucio Ary Dillon Soares, Luiz Pereira, Alain Touraine, Robert K. Merton, Frantz Fanon, Francisco Zamora, além de textos da Cepal.

Aos textos das coletâneas se somaram ao catálogo da Zahar livros que contribuíram para compor o debate crítico sobre modernização e desenvolvimento, dentre eles, *Desenvolvimento e crise no Brasil* (1968), de Bresser Pereira, *Projetos de desenvolvimento* (1969), de Albert O. Hirschmann, *Distribuição de renda na América Latina e desenvolvimento* (1973), de Aníbal Pinto, *Desenvolvimento dependente brasileiro* (1978), de Vilma Figueiredo, e *Limites sociais do crescimento* (1979), de Fred Hirsch.

O livro *Da substituição de importações ao capitalismo financeiro* (1972), de Maria da Conceição Tavares – uma das obras mais comentadas na época e que chegou ao total de 11 edições – reuniu quatro ensaios, escritos entre 1963 e 1971, que elaboram uma análise histórica e abrangente das políticas econômicas do país. A autora, formada em ciências econômicas pela Universidade do Brasil, havia trabalhado no Plano de Metas do governo do presidente Juscelino Kubitschek e era então, no momento de publicação do livro, chefe do escritório da Cepal no Brasil.

Quatro obras de Florestan Fernandes publicadas pela Zahar contribuíram para essa discussão: *Sociedade de classes e subdesenvolvimento* (1968), *Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina* (1973), *A revolução burguesa no Brasil* (1975), *A sociologia numa era de revolução social* [uma primeira edição

desse livro havia sido publicada em 1963] (1976) e *Poder e contrapoder na América Latina* (1981).

Uma das obras seminais para a discussão foi o *Dependência e desenvolvimento na América Latina* (1970), de Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto. A obra havia sido publicada em 1969, em espanhol, pela Editora Siglo XXI e a versão em português, pela Zahar, saiu um ano depois. Em 1984 a publicação chegou à sua sétima edição. Fernando Henrique Cardoso publicou também pela Zahar o livro *Política e desenvolvimento em sociedades dependentes* (1971).

Esse breve panorama dos textos sobre modernização publicados pela Zahar Editores mostra como a editora contribuiu para a configuração e disseminação do debate sobre desenvolvimento e dependência no Brasil. As perspectivas críticas às teorias da modernização então em voga encontraram na editora um espaço privilegiado de materialização e disseminação. Jorge Zahar, a partir de sua atuação editorial, participou ativamente desse processo, disponibilizando textos fundamentais, traduzindo obras de autores estrangeiros e organizando antologias que serviram a diversas gerações de estudantes universitários e leitores interessados neste que se tornou um dos principais debates públicos da época.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Zahar Editores, seja por meio do estabelecimento de uma política editorial de tradução de autores estrangeiros, com foco inicial no pensamento crítico estadunidense, seja a partir dos vínculos

com autores nacionais e dos demais países latino-americanos, que serviram de espaço de materialização e disseminação de um debate tão fundamental quanto o do desenvolvimento e dependência, participou ativamente de um esforço coletivo de imaginação sobre o Brasil.

Jorge Zahar foi uma pessoa comprometida com grande parte das pautas de esquerda da sua época. A sua socialização no universo intelectual da então capital federal em meados do século XX e sua atuação como livreiro e editor de livros universitários de ciências sociais e humanas – tendo publicado livros que foram fundamentais para várias gerações de estudantes e militantes políticos – são reveladoras desse compromisso. Embora não houvesse engajamento militante na atitude do editor – como havia no seu amigo e colega de atuação editorial Ênio Silveira, por exemplo –, havia um comprometimento com as questões sociais que era compartilhado por grande parte da sua geração: editores, livreiros, intelectuais dedicados às mais diversas atividades, artistas e estudantes pareciam concordar com uma série de valores e configurações identitárias que ficaram ainda mais explícitos quando da instauração do Golpe

Militar em 1964 e o estabelecimento de um inimigo comum.

Para além de comprometimento político ou engajamento moral individual, o que inegavelmente havia era uma subjetividade coletiva que unia as classes médias intelectualizadas – estudantes, intelectuais e os diversos intermediários culturais – pautada pelo pensamento de esquerda, o que gerava também um mercado a ser explorado. Como o próprio Jorge Zahar reconhecia: “Minha ênfase maior caía [...] sobre os livros marxistas, e aí prevalecia também uma razão de mercado. Esses livros tinham mais mercado que os livros antimarxistas [...]” (Zahar, 2001, p. 38). Gerava-se, dessa forma, um caldo cultural que se direcionava ao consumo e à formação intelectual e política de jovens estudantes e demais leitores, que construía coletivamente uma massa crítica e engajada desde o final dos anos 1950 até os períodos mais críticos do autoritarismo no final dos anos 1960 e no transcurso da década de 1970. Jorge Zahar contribuiu, dessa forma, para a elaboração de um projeto de país que, enfrentando percalços e embates ao longo do caminho, conformou a imaginação de gerações que se formaram lendo os livros publicados pela editora.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, F. C. *Editar livros, sonho de livreiros: os Zahar e o livro no Brasil (1940-1970)*. Rio de Janeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018.
- BEIGEL, F. "Vida, muerte y resurrección de las 'teorías de la dependencia'". *Crítica y teoría en el pensamiento social latinoamericano*. Buenos Aires, Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais, 2006, pp. 287-326.
- BEIGEL, F. "La Flasco chilena y la regionalización de las ciencias sociales en América Latina (1957-1973)". *Revista Mexicana de Sociología*, v. 71, n. 2, 2009, pp. 319-49.
- BOTTOMORE, T. *Críticos da sociedade: o pensamento radical na América do Norte*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1970.
- DOMINGUES, J. M. "A América: intelectuais, interpretações e identidades", in *Do Ocidente à Modernidade: intelectuais e mudança social*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.
- GARCIA JR., A. "A globalização pensada na periferia". *Antropolítica*, v. 26, n. 1, 2009, pp. 127-60.
- HARVEY, O'C. *O império do petróleo*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1959.
- KONDER, L. "Marcuse, revolucionário". *Physis: Revista de Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, 1998.
- MATTSON, K. *Intellectuals in action: the origins of the new left and radical liberalism, 1945-1970*. Pennsylvania, The Pennsylvania State University Press, 2002.
- MCCHESNEY, R. *The Monthly Review story: 1949-1984*. Disponível em: <https://mronline.org/2007/05/06/the-monthly-review-story-1949-1984/>. Acesso em: 30/dez./2018.
- NÓBREGA, L. "A tradução de livros de ciências sociais no Brasil: uma análise das publicações da Zahar Editores (1957-1984)". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 36, n. 107, 2021, pp. 1-16.
- PHELPS, C. "A socialist magazine in the American century". *Monthly Review*, v. 51, n. 1, 1999.
- PIRES, P. R. *A marca do Z: a vida e os tempos do editor Jorge Zahar*. Rio de Janeiro, Zahar, 2017.
- RIDENTI, M. "Artistas e intelectuais no Brasil pós-1960". *Tempo Social*, v. 17, 2005, n. 81-110.
- RIDENTI, M. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo, Unesp, 2010.
- RIDENTI, M. *Em busca do povo brasileiro*. São Paulo, Unesp, 2014.
- RIST, G. *The history of development: from western origins to global faith*. Londres/Nova York, Zed Books, 2008.
- SANTOS, T. dos. *A teoria da dependência: balanço e perspectivas*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000.
- SECCO, L. *A batalha dos livros: formação da esquerda no Brasil*. Cotia, Ateliê Editorial, 2017.
- SILVA, L. N. da. *Editoras e ciências sociais no Brasil: a Zahar Editores e a emergência das ciências sociais como gênero editorial (1957-1984)*. Rio de Janeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2019.
- WHEATLAND, T. *Frankfurt School in exile*. Minneapolis/London, University of Minnesota Press, 2009.
- WILLIAMS, R. *Marxism and literature*. Nova York, Oxford University Press, 1977.
- ZAHAR, J. *Editando o editor 5: Jorge Zahar*. São Paulo, Edusp/Com-Arte, 2001.